

22 de dezembro de 2008

## Força Máxima Contra a Crise

No dia 16 de dezembro o Federal Reserve anunciou que está atacando a recessão com um arsenal mais poderoso do que nunca, incluindo corte na taxa básica de juros para o nível mais baixo da história, uma banda entre zero e 0,25%. O banco central está empregando grande força para vencer a recessão e para que os americanos voltem a consumir e trabalhar e os bancos voltem a dar crédito.

O mercado de capitais subiu com o anúncio. O Dow Jones, naquele dia, fechou em alta de 4%, a 8.924 pontos. Os preços já vinham em leve alta antes do anúncio, antecipando as possíveis ações do Fed. O consenso em Wall Street era corte de meio ponto percentual. As taxas dos títulos de dez anos do Tesouro já estavam subindo na expectativa de que o Fed adquirisse esses títulos, como Ben Bernake já vinha sinalizando em seus discursos.

Anteriormente o Fed definia uma meta para sua taxa básica de juros – a última estava em 1%. Dessa vez, o Fed definiu uma banda entre zero e 0,25%, onde a taxa flutuaria nesse intervalo. Essa medida é uma mudança histórica. Além disso, o fato de a votação ter sido unânime é um indicador da seriedade da crise financeira. Até mesmo os presidentes do Fed da Philadelphia e de Dallas, que sempre defendem o combate a inflação, votaram a favor das medidas.

Em seu statement, o Banco Central americano mostrou pouca preocupação com a inflação, declarando que a recessão econômica é claramente o principal inimigo do país. Segundo o Fed: “As condições do mercado de trabalho se deterioraram, e os dados disponíveis indicam que o consumo, investimento e a produção industrial caíram. Os mercados financeiros continuam pressionados e o crédito escasso. No geral, as perspectivas para a atividade econômica se enfraqueceram ainda mais”. Já com relação à inflação, segundo o Fed, “as pressões inflacionárias diminuíram consideravelmente” e devem “continuar a diminuir nos próximos trimestres”.

Em uma tentativa de acalmar os mercados, o Fed deixou claro que não irá deixar de dar liquidez ao sistema financeiro até ter certeza que seus objetivos sejam atingidos. Segundo o Fed “a antecipação às fracas condições econômicas ajudam a garantir baixos níveis da taxa de juros”. Dando continuidade à tendência de flexibilização monetária (flexibilização dos juros), a instituição também adotou uma política de “flexibilização quantitativa”, que efetivamente significa injetar mais dólares na economia de forma a aumentar a oferta da moeda, através da compra de títulos. A idéia é que, além de uma melhora no custo do crédito, haja também um aumento da quantidade de crédito, ajudando a incrementar a liquidez no sistema financeiro. Sem mais espaço para corte de juros, o Fed está se voltando cada vez mais para compra de títulos em um esforço para derrubar as taxas de juros e elevar a liquidez do sistema.

Esta flexibilização quantitativa é a grande aposta do FED para o combate à crise mundial. Em uma conferência, um membro senior do Fed tentou desenhar uma distinção entre o que o Fed está fazendo e o que o Banco do Japão fez para estimular sua economia durante a “Década Perdida dos anos 90”. Segundo o membro do Fed, o banco central do Japão focou nos passivos de seu balanço, enfatizando a flexibilização monetária e de reservas ao invés de irrigar o sistema bancário com dinheiro de forma direta. Em contraste, o Fed está focando seus esforços nos ativos de seu balanço, comprando ativos como títulos e ações ligadas a hipotecas em uma tentativa de reduzir taxas, aumentar a liquidez e

melhorar a saúde da economia como um todo, e em particular o mercado imobiliário, isto é, a já mencionada flexibilização quantitativa. O Fed, sob controle de Bernanke, está claramente esperando que, focando em mercados chaves, o aumento de liquidez e a redução da taxa de juros, façam com que as linhas de crédito retornem.

Além disso, há rumores que o presidente eleito dos EUA, Barack Obama, esteja preparando um gigantesco pacote de estímulo econômico, possivelmente de US\$ 850 bilhões, para dois anos. Este valor seria colocado na economia real e não no sistema financeiro. O plano de Obama incluiria gastos com rodovias e outros projetos de infra-estrutura. Além dos projetos de construção, Obama deve buscar fundos adicionais para programas de auxílio aos desempregados, incluindo seguro-desemprego e requalificação profissional. O programa também incluiria alguma forma de redução na carga de impostos. O presidente eleito tem repetido que deseja criar até 3 milhões de empregos nos próximos dois anos.

Se por um lado esse movimento do FED traz uma certa preocupação pelo fato dele estar estressando o instrumento taxa de juros, sinalizando que a crise é realmente bastante grave, por outro temos a convicção de que as autoridades estão extremamente empenhadas na solução da crise. Certamente estamos enfrentando a maior crise dos últimos anos. Nos resta agora aguardar os sinais que a economia real deve apresentar depois dessas iniciativas do FED e do presidente eleito Obama.

**Fontes: (i) “Bernanke attacks the recession with overwhelming force”, Businessweek.Com, de 16 de dezembro de 2008. (ii) “The FED fixes bayonets”, Economist.com, de 16 de dezembro de 2008.**

#### Disclaimer

Nossas indicações são de caráter exclusivamente informativo, expressando opiniões pessoais baseadas em dados fundamentalistas, de forma que não nos responsabilizamos por eventuais perdas de capital do investidor/leitor. A decisão por tipo de investimento é de responsabilidade do cliente. Os dados financeiros foram obtidos através de fontes disponíveis no mercado financeiro, sendo que a Solidus se reserva o direito de fazer eventuais correções, sem prévio aviso. O relatório foi elaborado de forma independente e autônomo, inclusive em relação a Solidus SA CCVM.

O analista responsável pelo presente relatório declara que:

- a) As sugestões (recomendações) aqui mencionadas refletem única e exclusivamente opiniões pessoais e foram elaboradas de forma independente e autônoma inclusive em relação a Solidus SA CCVM;
- b) Não mantém vínculo com qualquer pessoa natural que atue no âmbito das companhias cujos valores mobiliários foram alvo de análise no relatório divulgado;
- c) A Solidus SA CCVM não possui em suas carteiras administradas quantidade igual ou superior a 1% do capital social da empresa analisada, e não está envolvida na aquisição, alienação e intermediação de tais valores mobiliários no mercado;
- d) Não possui quantia igual ou superior a 5% de seu patrimônio pessoal investido em ações da empresa objeto de estudo, e não está envolvido na aquisição, alienação e intermediação de tais valores mobiliários no mercado;
- e) Não recebe ou recebeu remuneração por serviços prestados ou apresenta relações comerciais com quaisquer das companhias cujos valores mobiliários foram alvo da análise no relatório divulgado, ou pessoa natural ou pessoa jurídica, fundo ou universalidade de direitos, que atue representando o mesmo interesse desta companhia;
- f) Sua remuneração ou esquema de compensação do qual é integrante não está atrelado às precificações de quaisquer dos valores mobiliários emitidos por companhias analisadas no relatório. O analista esclarece que, assim como outros funcionários da SOLIDUS SA CCVM, recebe bonificações semestrais de acordo com o desempenho da SOLIDUS, mas a sua bonificação está vinculada ao desempenho da Solidus e não com as indicações realizadas.